

Ação-reação... Resistir, resistir, resistir! Esperançar!

Prefaciando a obra “Paulo Freire e a práxis pedagógica na contemporaneidade”

Estamos perante uma *situação-limite* global que nos obriga a pensar e reforçar a nossa capacidade de ação, como força de resistência humana, um tempo em que emerge e se afirma um tema gerador geracional que nos põe definitivamente em causa, pondo em risco a nossa sobrevivência enquanto espécie. À educação cabe um papel crucial no ato de construção e resistência, sendo esse papel pautado por enorme complexidade e diversidade, como evidenciam os eixos das propostas apresentadas neste livro.

Celebramos o centenário de Paulo Freire, que nos instiga a denunciar para anunciar, assumindo esse nosso lugar no processo de humanização *com* as outras pessoas e mediatizados pelo mundo. Apesar de tudo... ou talvez por isso mesmo, este é um tempo de celebração esperançosa. Celebramos, afirmando o nosso lugar como *autores e autoras da nossa história*. Celebramos, corporizando no contexto académico, a reivindicação e afirmação da educação e da cidadania, como direitos de todas e de todos. Celebramos, produzindo conhecimento e intervenção *com* as pessoas, (re)ações essas focadas na redução das desigualdades sociais e colaborando para uma vida mais humanamente humana. A educação transborda para além das margens da escola tradicional para ser hoje reconhecida como processo mais ou menos dialógico e mais ou menos conflitual que ocorre – ou pode ocorrer – efetivamente em todos e qualquer contexto social.

Num tempo em que a miscigenação entre ciências se tem vindo a revelar particularmente frutífera, é interessante trazer aqui a teorização de Newton, matemático, físico, astrónomo, teólogo e autor que revolucionou o mundo científico, já no século

XVII. A terceira lei de Newton pode ajudar-nos a compreender os desafios que hoje se apresentam à educação. O princípio da ação e reação explica que na interação física entre dois corpos distintos, se um dado corpo, exerce uma força sobre outro, o segundo vai exercer, em simultâneo, uma força da mesma magnitude sobre o primeiro. Estando na mesma direção, essas forças são, no entanto, exercidas em sentidos opostos. Extrapolando para uma aproximação às realidades sociais, como corpo em *situação-limite de opressão*, parece poder afirmar-se que estas são informadas por essa mesma dinâmica de ação-reação, sendo que quanto maior a ação (agressão) maior terá que ser a reação que, provocando desequilíbrios e novos equilíbrios, obriga à construção de processos de resistência. A práxis pedagógica ganha aqui lugar.

Como resistência, celebrar hoje Freire corporiza, sinergicamente, celebrar todas as entidades e pessoas que se mobilizam em torno do pensamento-ação – práxis freiriana – como pre(a)núncio de uma história *outra* possível. Representa também a possibilidade e o espaço para a criação de novos equilíbrios, com afirmação da *co-laboração*, da interdependência e da relação solidária, num enquadramento ético e estético de (re)humanização. A obra que aqui se apresenta é disso exemplo, reinventando Freire e a sua proposta política filosófica da educação. Apropriações diversas a partir de campos de saber e interesses distintos ilustram de forma clara a atualidade de um pensador e de um pensamento reflexivamente revolucionário que se multiplica no tempo e no lugar e para além deles, trazendo a promessa de que a resistência prevalece e se fortifica. As e os profissionais da educação têm muito a dizer (e a fazer) na (re)construção de um pensamento político pedagógico também reflexivamente revolucionário e radical, um pensamento necessariamente aberto às realidades e às pessoas que as constroem – e se constroem – nesse processo.

Não quero gastar o meu tempo – o meu texto/
palavramundo – como instrumento da propaganda de um mundo

que hegemonicamente *sloganiza* a normalização, a economia, o valor do mercado e tudo isso que nos tem vindo a preocupar, como *tema gerador de época*. Ao longo de muitos – talvez demasiados – anos uns e outros umas e outras temo-nos revezado na desocultação das desigualdades, sendo urgente e possível, a busca e afirmação de um mundo outro construídos sobre os pilares de uma democracia mais autêntica, feita de escuta e de reconhecimento. É esse o eixo que antevejo nesta obra que me orgulho em prefaciá-la, um eixo que exprime a intenção e efetivação da intervenção no mundo, na busca de soluções *com e a partir* das pessoas, como sujeitos únicos e irrepetíveis e membros de grupos sociais específicos, onde se cruzam heterogeneidades e diversidades, e onde se reclamam, ou afirmam desejos e direitos que, sendo particulares, expressam também necessidades mais globais de um mundo que se transforma, sem pedir licença.

Não podendo (nem devendo) ignorar os múltiplos processos de opressão, mais ou menos subtil, que informam as nossas vidas, inspirada pelos autores e autoras que contribuíram para este livro, opto aqui, por testemunhar e enunciar a presença neste mundo vivido de um espaço para a afirmação de voz, das vozes. Um espaço ganho a pulso por um movimento freiriano plural que cada vez mais se assevera, ganhando força e corpo, resistindo e reinventando possibilidades nesse seu (re)existir. Este espaço de voz, que caminha no horizonte da esperança, tanto pode emergir de uma cultura digital que, em vez de empurrar para as margens as e os trabalhadores, as e os cidadãos menos qualificados, pode dar lugar à busca de justiça social, reconhecendo a diversidade e tirando partido da autoestrada digital para a afirmação dessa mesma diversidade. Pode também permitir a possibilidade de repensar e reconstruir, hoje, práticas docentes e discentes na escola, o que implica a passagem de uma visão territorial, hierarquizada, desumanizada, fechada sobre si, a uma visão ética, estética e solidária de *co-laboração*.

Ganha sentido(s) uma educação que, ultrapassando a visão técnica, investe no vaivém enriquecedor entre a “distância”, que nos aproxima do ‘todo’, e a “proximidade”, que nos aproxima de cada sujeito; uma visão que vai além de uma perspectiva utilitária da educação para a empregabilidade para afirmar a educação como formação de corpo inteiro, uma experiência holística, relacional, inclusiva, em processo. Falamos aqui de uma educação que resiste, fazendo recurso à esperança e amorosidade freiriana, como instrumentos dessa resistência, face a ameaças globais que conhecemos demasiado bem, por força das tecnologias e que, lamentavelmente, vão desde a situação pandémica a uma ação governativa desgovernada que, muitas vezes – demasiadas vezes – amplifica a ameaça global, fazendo recurso à negação, expondo, estigmatizando, oprimindo com a ligeireza de quem não quer saber.

Em reação, falamos aqui de uma educação em contexto que não dá lugar ao ‘facilitismo’ que menoriza, mas que, indo no sentido oposto, apela ao exercício democrático, investindo no rigor metódico inerente ao ato de ensinar (e aprender, ensinando); uma educação em que autonomia e resistência se tornam cúmplices; em que a avaliação se pode demitir de um papel penalizador para se assumir como aprendizagem com um caráter investigativo. Uma educação como práxis, conscientização e emancipação, lugar que permite o (re)conhecimento das situações-limite de opressão para além da questão individual, inserindo-as num panorama de experiência partilhada e mais global, com responsabilidades a diversos níveis, o que permite a exploração do potencial humano de transformação da realidade, e a emersão como sujeitos sociais renovados e renovadas.

No que concerne às questões pedagógicas e educativas, é também importante acentuar como, ao longo dos tempos, se têm vindo a pensar como essenciais diferentes níveis de escolarização, ou de falta dela, sendo que o analfabetismo tem constituído instrumento de opressão manipuladora nos mais

diversos contextos e lugares, afetando os grupos das populações em condições de maior vulnerabilidade, particularmente as/os menos qualificados e que menos dominam os saberes tecnológicos, o que as e os empurra para as margens do sistema.

De algum modo, neste tempo do *capitalismo desorganizado*, o prolongamento sucessivo da escolaridade até ao nível superior pode ser articulável com a falta de capacidade do mundo de trabalho global para receber novos trabalhadores e trabalhadoras, adiando uma inserção profissional jovem válida, segura e compensadora. No quadro destes limites sistémicos em que o mundo universitário parece vir preencher uma lacuna na inserção laboral, pensar o ensino superior *com* Paulo Freire, abre uma janela formativa a alguns grupos, permitindo reinstituir este nível de ensino como fórum de debate bem como o domínio de um conjunto de saberes essenciais à construção democrática. Ganha também relevância a articulação da pedagogia transformadora com o ativismo juvenil, em afirmação de democracia e recusando visões mais convencionais que negam a participação jovem, por confundirem participação com participação política convencional/ partidária e/ou através do voto. Estes são exemplos de um pensar educativo que constitui uma (re)ação criadora e transformadora, o pensar educativo de uma resistência que *não cruza os braços face às misérias do mundo*, mas que arrisca arregaçar as mangas na construção de experiências e relações mais humanamente humanas, como já referi. Neste espírito de (re)ação, (re)existência e possibilidade como sujeitos históricos de transformação social amiga de mulheres-e-homens, celebremos!

Eunice Macedo
Porto, Portugal, 1 de setembro de 2021